

# A ERÓTICA VERBAL NA PROSA DE REGINE LIMAVERDE

\*\*\*

## VERBAL EROTICS IN REGINE LIMAVERDE'S PROSE

Antônio Marques Pereira Filho<sup>1</sup>

**Data de recebimento do texto:** 20/08/2023

**Data de aceite:** 17/09/2023

**Resumo:** Propomos, neste artigo, um estudo sobre a erótica verbal na prosa de Regine Limaverde. A partir da diegese do conto “Bicho-homem”, pertencente à obra *Contares - estórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020), daremos ênfase ao imaginário erótico e à arte de tecer palavras que Regine faz com maestria. Nosso estudo é de cunho bibliográfico e interpretativo. Pretendemos, também, questionar os efeitos sociais e políticos que, em nossa contemporaneidade, ainda corroboram a construção da identidade feminina na literatura. Assim, romper com o silenciamento e com a submissão patriarcal da escrita de autoria feminina nos espaços literários. Nossa metodologia está concatenada em três etapas, a saber: primeira, realizamos a leitura da obra supracitada, para mapear o conto com maior teor erótico. Em seguida, leitura dos teóricos que estudam a temática em discussão, e, por último, análise crítica e interpretativa do conto selecionado. Para desenvolvermos este estudo, valemo-nos em teorias propostas por autores como Bataille (2004), Bachelard (1988, 2001), Gotlib (2004), Aguiar e Silva (1982), Genette (s.d), Soares (2004), Paz (1982-1994), entre outros. Esperamos, portanto, que nosso estudo possa contribuir para outras pesquisas sobre a temática em análise e dar maior visibilidade à escritora, em uma perspectiva social, histórica e literária.

**Palavras-chave:** Erótica Verbal. Autoria feminina. Prosa. Regine Limaverde.

**Abstract:** In this paper, we propose a study of verbal eroticism in Regine Limaverde's prose. Based on the diegesis of the short story “Bicho-homem”, from the book *Contares - estórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020), we will emphasize the erotic imaginary and the art of weaving words that Regine does with mastery. Our study is bibliographic and interpretive. We also intend to question the social and political effects that, in our contemporaneity, still corroborate the construction of female identity in literature. Thus, to break with the silencing and the patriarchal submission of women's writing in literary spaces. Our methodology is concatenated in three steps: first, we read the work mentioned above, to map the short story with more erotic content. Then, we read the theorists that study the theme under discussion, and, finally, we performed a critical and interpretative analysis of the selected short story. To develop this study, we used the theories proposed by authors like Bataille (2004), Bachelard (1988, 2001), Gotlib (2004), Aguiar e Silva (1982), Genette (s.d), Soares (2004), Paz (1982-1994), among others. We hope, therefore, that our study can contribute to other researches on the theme under analysis and give more visibility to the writer, in a social, historical and literary perspective.

**Keywords:** Verbal Erotica. Female Authorship. Prose. Regine Limaverde.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS/Câmpus de Três Lagoas, Bolsista CAPES. Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Contato: thony.marques@outlook.com

## Introdução

O conto é um gênero literário pouco estudado, ainda, na contemporaneidade, em comparação ao Romance. Sua gênese está constituída na tradição oral, pois era contado pelas pessoas mais velhas, as quais herdaram de seus antepassados as estórias narratológicas. Na preparação do processo de contação das estórias e dramatização dos textos orais para as crianças, jovens e adultos, os griots (guardiões da palavra) se reuniam debaixo das árvores, nos oiteiros dos casarões, nas festas em famílias, nas praças públicas etc e assim mantiveram viva as culturas de seus ancestrais.

Diante disso, o intuito maior em contar as estórias fabulosas-fictícias era preservar a permanência e continuidade da tradição, mantendo viva as culturas, as identidades e as memórias afetivas, as quais eram passadas de geração para geração. Assim, vislumbrava-se um momento sagrado, uma vez que seria também um gesto de agradecer aos ancestrais e dar continuidade à literatura e história de um povo. Gotlib (2004), em sua obra *A teoria do conto*, salienta que,

[...] sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e... contam casos. Ou perto do fogão de lenha, ou simplesmente perto do fogo (GOTLIB, 2004, p. 5).

Com isso, vemos que desde tempos longínquos as estórias eram narradas por meio da oralidade e que ainda hoje perpassam pela nossa contemporaneidade. Há uma valorização na contação de estórias orais, pois a cultura de narrar os fatos e acontecimentos, ora por uma verossimilhança (ligação, nexos ou harmonia entre fatos, ideias etc. numa obra literária), ora pela mimesis (imitação perfeita) vive em nosso mais profundo âmago. E, o fogo como salienta Gotlib (2004), nesse contexto, está posto como elemento de união entre os indivíduos vivos e mortos.

Partindo desse pressuposto, afinal, o que é o conto? Qual a sua situação e função social, histórica e política enquanto narrativa? O crítico Ricardo (2004), em sua obra *Formas breves*, salienta que:

O conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático. A estratégia do relato é posta a serviço dessa narração cifrada (PIGLIA, 2004, p. 91).

Em diálogo com essa abordagem de Piglia (2004), o conto “Bicho-homem”, de Regine Limaverde, traz uma estória cheia de metáforas e inquietações sexuais do narrador-personagem, em consonância com a animalização do amado. De todo modo, provoca ao leitor uma interpretação enigmática, quando ambos personagens agem como animais, uma vez que há a animalização do ser humano.

Ainda em diálogo com a teoria do conto - o escritor norte americano, Edgar Allan Poe (2000), afirma que o conto possui uma forma narrativa de menor extensão que o romance e a novela, além de características estruturais próprias. Assim, a teoria do conto dá ênfase ao princípio da expressividade entre a extensão e a reação provocada no leitor. São esses princípios que Poe (2000) estabelece, bem como também outros elementos que fazem com que o conto seja apreciativo para o leitor e que o mergulho na leitura possa ser instigante.

Portanto, enquanto narrativa, o conto para Poe (2000) precisa apresentar um mote, uma ação, um desenvolvimento, uma tensão, um clímax e um desfecho. Enquanto à perspectiva do tempo da narrativa, para Genette (s.d, p. 31), “a narrativa é uma sequência duas vezes temporal... há o tempo da coisa-contada e o tempo da narrativa (tempo do significado e tempo do significante)”.

Pensando nisso, para a estudiosa Angélica Soares (2004, p.55) “não devemos confundir o conto literário com o popular folclórico, ou fantástico, como os de Grimm ou Perrault, ainda caracterizados pela oralidade”. Soares (2004) ainda afirma que o conto também apresenta os mesmos elementos do gênero romance, porém delimita fortemente o tempo e o espaço e normalmente, apresenta-se em quatro partes: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Mediante a isso, alguns estudiosos do gênero literário conto, afirmam que os contos egípcios são os mais antigos, que seriam “os contos dos mágicos”, com seu aparecimento provavelmente em 4.000 antes de Cristo. Nosso propósito não é elencar as fases da evolução do gênero em estudo, mas fazer uma abordagem singular da origem do conto em uma perspectiva histórica e cultural. Além de

apresentar seus efeitos sociais e políticos que são efervescentes para a sobrevivência da cultura e memória dos nossos antepassados.

Em diálogo às questões tratadas acima, nosso artigo propõe um estudo sobre a erótica verbal na prosa de Regine Limaverde, com ênfase no imaginário erótico. Analisaremos, portanto, em uma perspectiva crítica e interpretativa, o conto “Bicho-homem”, pertencente à obra *Contares - histórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020), de Regine Limaverde. Desse modo, apresentaremos a prosa de Regine em uma abordagem crítica, cuja base é o erotismo.

## **O fazer poético e erótico na prosa de Regine Limaverde**

A poeta Regine Limaverde (Regine Helena Silva dos Fernandes Vieira), nasceu em 14 de março de 1947 – dia Nacional da Poesia, começou a escrever desde os 12 anos de idade, fabulava seus sonhos e estava sempre à frente do seu tempo. Tinha uma boa relação de amizade com a escritora Raquel de Queiroz (1910-2003), a quem admira e tem registros fotográficos juntas na Academia Cearense de Letras. Regine é bióloga, doutora em Microbiologia pela Universidade de São Paulo (1986), professora titular do curso de Engenharia de Pesca da UFC, pesquisadora do Laboratório de Ciências do Mar (da Universidade Federal do Ceará). Membro da Associação dos Escritores Profissionais do Estado do Ceará. Pertence à Academia Cearense de Letras, à Academia Cearense da Língua Portuguesa, e à Academia de Letras e Artes do Nordeste.

Atualmente, Regine tem publicado 20 obras literárias, com destaque no gênero poesia. Entrou no cenário literário em 1980, com a publicação da obra *Rio em Cheia*, livro de poesia. Deste então, vem escrevendo e publicando seus *scripta*. Algumas obras de Limaverde que merecem destaque são: *Estrela de vidro* (1984); *As Leves e Duras Quedas do Amor* (1992); *Mais coração do que carne e osso* (2005); *Dentro de mim, o mar* (2017); *Mudança de estação* (2019), e, por último, *Contares - histórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020), obra a qual estamos analisando. Regine ganhou inúmeros prêmios, dentre eles o Prêmio Estado do Ceará em poesia (1983), Prêmio Osmundo Pontes (1997) e o Prêmio Gente de Bem Fica para Sempre (2000).

Vale salientar que, Regine Limaverde é a dama da poesia erótica, na literatura cearense contemporânea. Ao longo de sua trajetória como escritora, tem publicado mais obras de poesias. No entanto, em 2020, com o cenário pandêmico, Regine publica seu primeiro livro de contos, cujo título: *Contares - estórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020). Obra está regada de amores e sabedorias, com narradores revestidos de encantamento e de muita poesia. Fala da alma humana e de suas dores diante do contexto de pandemia. Limaverde canta a vida e a poesia em sua prosa, canta os fazeres do bicho-homem em sua existência abissal. Clama as descobertas feitas pelos corpos em fusão, pelo latejar do desejo sexual de Eros que nós seres humanos vicejamos.

Regine Limaverde transgride ao usar o termo “estórias”, que por muito tempo foi tirado do dicionário pelos linguistas. E já no prefácio da obra, feito pelo professor de literatura brasileira da UFMS - Rauer Ribeiro, apresenta uma pequena contextualização da expressão, uma vez que “o termo ‘estória’ estabelece um universo narrativo que evoca para os contos e microcontos a voz popular de cantadores, das mulheres do povo” (LIMAVERDE, 2020, p. 11). Ao evocar essas estórias, a autora reúne vozes fractais da condição humana e do viver isolado em seus desejos e pensamentos. Regine escreve longa prosa em poesia, “encena narrativas de alta inventividade linguística, fabular, em que a voz de homens e mulheres nos cerrados das geraes dialoga com topos religiosos e filosóficos” (LIMAVERDE, 2020, p. 11). É por meio desse diálogo que identificamos os elementos eróticos na prosa de Regine.

Assim também, na leitura e análise do conto “Bicho-homem”, identificamos que se trata de um narrador-personagem-feminino, narrado em primeira pessoa e a focalização é autodiegética. Para o crítico Aguiar e Silva (1982, p. 769), “na focalização homodiegética, o narrador responsável pela focalização é agente” - comparsa ou protagonista, do mundo diegético da narrativa em causa. A focalização é um dos elementos mais importantes no campo da estruturação da diegese.

Para tanto, pelo título do conto, percebemos que o narrador animaliza o homem ao chamá-lo de bicho. O dicionário Aurélio recolhe ‘animalizar’ como sinônimo de tornar bruto, embrutecer, bestializar. A Encyclopedia e Diccionario Internacional de W.M. Jackson, Inc. Editores, (Rio de Janeiro), recolhe o verbete

animalizar (sic) no seu vol. I: “Reduzir aos instintos, aos appetites, aos gostos do animal; o *philosophismo* animaliza o homem; a religião divinisa-o/ por ext. Rebaixar-se, descer ao estado animal: Entregar-se as paixões brutas é, a bem dizer, animalizar-se”. E é nesse estado de animalizar-se que ambos personagens se entregam por completo às paixões e aos desejos carnavais.

Nessa perspectiva, o processo de animalização do homem é um estado que podemos observar em diferentes ângulos hermenêuticos no conto. Tal configuração posta pelo narrador, evidencia a postura que um homem deveria ter ao lutar pela mulher amada como um animal feroz, quando diz: “Se eu fosse um homem, pela mulher me tornaria rei e, a cada luta que por ela entrasse, teria uma faca e espada para cravar no peito dos inimigos que não amassem a mulher amada” (LIMAVERDE, 2020, p. 37). Esse homem construído pela voz do narrador, aparece como um guerreiro ou leão, que pela amada é capaz de cravar facas e espadas no peito dos inimigos. Vemos que se trata de um narrador-personagem feminino, pelo uso da oração “Se eu fosse um homem”, o uso da conjunção “se” e do verbo “fosse”, evidenciam a premissa de que é um ser feminino o narrador da diegese. A personagem inconformada com o estado em que se encontra, pelo fato de que o amado a deixou, começa a reverberar indagações e dialogar com o leitor:

Você já viu um bicho? Um pavão? Um peixe de escamas coloridas? Pois o bicho me arrastou no chão. Virava os olhos, me lambia toda, me chupava os peitos, me mordida as coxas, mudava de cor. Era um leão, pássaro, mágico. Fez-me ver o arco-íris num quarto fechado. Fez-me ser lago, rio e mar. Fez-me ser trem. Sim, um trem. Eu apitava, meu grito era um apito de trem, eu viajava, via campo, flor, mato. Senti cheiro de capim, de mato quebrado (LIMAVERDE, 2020, p. 37).

Ao tecer um diálogo com o leitor, o narrador feminino estabelece um elo de confissões e revelações íntimas. Seriam provocações imagéticas para que o leitor crie a sua própria interpretação das cenas descritas? Se analisarmos a construção linguística e organização dos elementos das cenas, afirmamos que sim, pois são descritas cenas eróticas, de fusão de dois corpos em profunda entrega de desejos carnavais. Esse homem apresentado pelo narrador, age como um animal faminto em busca de sua presa, age por instintos animais: lambe a presa, morde as coxas da presa e arrasta-a no chão.

Ao descrever essas cenas por meio de metáforas, o narrador-personagem nos dá subsídios para elaborarmos diversas possibilidades de interpretação e construção de imagens. Ao conduzir o leitor por um labirinto de imagens e símbolos, o narrador está despertando inquietações no universo de imaginação do leitor. O estudioso Gaston Bachelard (1989), em sua obra *A Poética do Espaço*, diz que a imaginação é uma categoria filosófica. E que a imaginação se concretiza em uma práxis social. Por esse viés interpretativo, a imaginação é um “complemento” do artista, do próprio autor, da voz do narrador, uma ponte obscura e tênue entre a terra e o universo, o finito e o infindo. Gaston (1989) ainda diz que,

a fenomenologia da imaginação não pode se contentar com uma redução que transforma as imagens em meios subalternos de expressão: a fenomenologia da imaginação exige que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos da vida (BACHELARD, 1989, p.63).

Nesse sentido, vivemos e materializamos as imagens descritas pelo narrador no conto “Bicho-homem”, por uma visão hermenêutica. O ser feminino do texto nos mostra os acontecimentos em atos narratológicos, bem como no trecho: “Fez-me ser lago, rio e mar. Fez-me ser trem. Sim, um trem. Eu apitava, meu grito era um apito de trem, eu viajava, via campo, flor, mato”. Observamos a construção de metáforas e da metamorfose da personagem, ao transformar-se em lago, rio e mar. Elementos estes presentes no decorrer da prosa de Regine Limaverde. Em contemplação e êxtase do estado em que se encontra o narrador-personagem, sua visão de euforia e gozo, fez-lhe ver o arco-íris em seu quarto. Em crenças antigas do Japão e do Gabão, o arco-íris era a ponte que os ancestrais humanos usaram para descer até o planeta. Já na mitologia grega, Íris é a deusa do arco-íris e como um arco, ela une a Terra e o Céu, sendo, portanto, a mensageira dos deuses para nós seres humanos.

Nessa mesma passagem, a personagem se faz em água “Fez-me ser lago, rio e mar”. Qual a simbologia que o narrador pretende nos dizer ao confessar que se fez em lago, rio e mar? Seria os orgasmos que sente ao ser lambida, mordida e chupada pelo bicho-homem? E o “cheiro de capim, de mato quebrado”, seria o ápice dos gozos de ambos, que inundam todo o quarto?

Mais à diante no conto, o narrador-personagem concretiza para o leitor o ato sexual de desejos que os corpos viviam, de entregas e fusão erótica. Vejamos:

[...] Gritei, urrei, ele me agarrava pela nuca, metia a língua no meu ouvido, me sugava os dedos, beijava meus olhos, pedia para eu não gritar, e eu nem escutava. Eu queria mais. Não. Não queria. Tremia que nem vara verde. Senti dor de barriga, frio na espinha [...] Eu não dei conta do ataque dele, dos beijos apertados, da língua afiada, das mordidas nas minhas coxas, dos meus dentes batendo nos dele, dos beliscões que sangravam, do meu corpo arrastado, dos meus cabelos puxados, da cachoeira que se derramava em mim, do cheiro de floresta que inundou o quarto, dos meus dedos agarrados aos dele, da secura da minha boca (LIMAVERDE, 2020, p. 37).

Nesse excerto, concatenamos a ideia de que o narrador-personagem e o bicho-homem se tornam animais, uma vez que o homem é um animal feroz, faminto, um leão que domina a presa. Por outro lado, o narrador-personagem torna-se um animal que urra e grita. Uma loba no cio. Materializamos imagetivamente uma cena erótica, “metia a língua no meu ouvido, me sugava os dedos”, o verbo ‘metia’ induz a um teor erótico, de penetração, e ao ser sugada pelos dedos, visualizamos um ato de preliminares do sexo, uma vez que “a imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras sem excluir os significados primários e secundários” (PAZ, 1982, p. 130). É nesse estado de entrega e fusão dos corpos em desejos latentes, que os interditos são quebrados e acontece a transgressão, esta “não é a negação da interdição, mas a supera e a completa” (BATAILLE, 2004, p. 97). Daí surge o ser erótico que carrega em seu corpo a vontade de união e violação dos corpos. Já que “essencialmente, o campo do erotismo é o campo da violência, o campo da violação” (BATAILLE, 2004, p. 27).

O erotismo é a aprovação da vida até na morte, uma busca contínua do ser pela continuidade e descontinuidade, na consciência e violência de entrega e busca intimista (BATAILLE, 2004, p. 19). É também “em si mesmo, desejo – um disparo em direção a um mais além” (PAZ, 1994, p.19). Nessa entrega dos amantes, vemos o erotismo dos corpos tomar forma, pois há uma violação do ser dos parceiros. “Os corpos se abrem para a continuidade por intermédio desses condutores secretos que nos provocam o sentimento da obscenidade” (BATAILLE, 2004, p. 29), da busca de atingir o ser no mais íntimo.

O estado de êxtase em que o narrador-personagem vivera era tão intenso,

que não escutara o outro mandando calar a boca e parar de gritar. Tal pedido não fora consentido, pois não o escutara de tanto prazer que sentira naquele momento. O narrador-personagem não deu “conta do ataque dele, dos beijos apertados, da língua afiada”, foi de imersão aos delírios e desejos de outrora, em possuir o corpo do amado. As mordidas nas coxas, o pegar pela nuca, dos beliscões que sangravam, foram o cume da entrega e paixão avassaladora do narrador. Segundo o estudioso Bataille (2004, p. 33), “a paixão nos leva assim ao sofrimento”, sendo ela a “busca do impossível”.

Em outro extrato, o distanciamento de ambos, já causara saudades e dor ao narrador-personagem, percebemos pelo seguinte trecho do conto: “- Olhe, não aguento mais. Não durmo, não como, não me acalmo; meu pensamento único: fazer amor com você” (LIMAVERDE, 2004, p. 39). Vislumbramos todo o desalento e pesar do narrador-personagem ao sofrer pela ausência do amado, na construção das imagens e símbolos que tece em sua narrativa. Nesse sentido, a expressão de negação “não”, repete-se quatro vezes nesse trecho, dando ênfase de que não suporta mais toda a distância do amado. Assim, “o vocábulo possui um valor psicológico: as imagens são produtos imaginários” (PAZ, 1982, p. 119), e a imagem, por sua vez, é “cifra da condição humana” (PAZ, 1982, p. 120).

Tal estado de dependência do narrador-personagem pelo amado, causará-lhes sofrimentos, pois se encontra desvalida, precisa do corpo do outro para voltar a comer, a dormir e a se alimentar, uma submissão em prol do gozo e acalento do amado. Seria de fato uma dependência emocional do narrador-personagem? Mais uma vez, olharam-se novamente e se desejaram, amaram-se como a primeira vez. Era um cavalo, um tigre a devorar a presa, esta procurara por tal bicho-homem. Passado tempos que não o via, andara pelos corredores espreitando-o, pois já não sabia o que fazer. “Teria sido um sonho? Um pesadelo? Não sei. Somente sei que o desejo”. Criara uma dependência emocional e carnal pelo amado, pois Eros a abraçara e não a soltará mais. Tendo em vista que “Eros é solar e noturno: todos o sentem, mas poucos o veem” (PAZ, 1994, p. 27).

No entanto, com tamanha intensidade ao chamar de bicho-homem, o narrador-personagem decide ser um animal também. Vejamos: “Vou ser bicho também. Vou ser cobra, me enrosco na perna dele, dou um bote, jogo veneno em sua boca e enfeitiço-o. Trago-o para mim. Quero meu bicho-homem de volta”

(LIMAVERDE, 2020, pp. 39-40). Diante desse desfecho do conto, concluímos, portanto, que o narrador-personagem já não tem mais o seu bicho-homem, pois o quer de volta a qualquer custo.

## Considerações finais

O estudo que realizamos pretendeu tecer reflexões sobre o conto “Bicho-homem”, pertencente à obra *Contares - estórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020), de Regine Limaverde. Demos ênfase ao imaginário erótico construído na narrativa do conto e à maneira como Limaverde costura as cenas. A partir da relação afetiva dos personagens, observamos um posicionamento da condição humana de ambos os protagonistas do conto, uma vez que o sexo faz parte da essência do homem e de sua procriação para manter a linhagem humana.

A obra *Contares* “aglutina, pois esse amalgama polissêmico, indiciando a amplitude elaborada por Regine Limaverde [...] trata do amor, da vida e da morte; da alegria, das dores e da esperança; da solidão [...]” (LIMAVERDE, 2020, pp. 14-15). Assim, constatamos que a narrativa do conto “Bicho-homem” é envolvente e prende a atenção do leitor. Dá-nos diversas possibilidades de leituras e análises, provocando-nos inquietações e contemplação da arte poética em prosa de Limaverde.

Regine quebra os interditos históricos e paradigmas da sociedade em geral, ao falar de desejos, volúpias do corpo, ardências e gozos. Constrói uma identidade feminina singular e própria. Não dá margem ao silenciamento, que por muito tempo fora imposto ao setor vigente do país e não se submete ao sistema conservador e patriarcal. Canta o corpo feminino em nudes, canta a liberdade que se faz presente em suas expressões literárias. Portanto, “Regine Limaverde se apresenta como luz, pois chora a morte, conta humanos dias, canta o sol, exalta sabedoria, gozo, amor e vida” (LIMAVERDE, 2020, p. 16).

## Referências

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *A voz. A focalização*. In: AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 4ª ed. Coimbra: Almedina, 1982, p. 759-786.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GENETTE, Gerard. Voz. In: GENETTE, Gerard. *O discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, s.d, p. 211-260.

GOTLIB, Nádía Battella. *A Teoria do Conto*. Data da Digitalização: 2004. Data Publicação Original: 1990.

GOTLIB, Nádía Batelha. *Teoria do conto*. 4ª ed, São Paulo: Ática, 1988.

PAZ, Octavio. *O Arco e a lira*. Tradução Olga Savary. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. *A dupla chama*. Tradução Wladir Dupont. – São Paulo : Siciliano, 1994.

PEREIRA FILHO, Antônio Marques. *A poesia como símbolo erótico em Regine Limaverde: uma abordagem crítica e interpretativa* [recurso eletrônico] / Antônio Marques Pereira Filho, 2021.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. Gênero: Crítica literária. - Editora: Companhia das letras, 2004.

POE, Edgar Allan. *Poesia e prosa: obras escolhidas*. Tradução, Oscar Mendes e Milton Amado. 2ª ed, São Paulo: Ediouro, 2000.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 6ª ed, São Paulo: Ática, 2004 Link: [Animalização do Homem: uma Visão Ontológica do Ser Individual e do Ser Social...](#) (hottopos.com) (acessado em 15/11/2022).